

A esperança é  
o sonho do ho-  
mem acordado.  
Aristóteles

ANO V — N.º 105  
FEVEREIRO  
17  
1957

AVENÇA

**A Voz de Loulé**



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
FARO  
Telefone 154

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Loulé  
Telefone 216

# A S. M. R. ISABEL II Portimão em festa

com a visita dos srs. Ministros  
do Interior e da Educação Nacional

Dr. José António  
Madeira

**A**O aproximar-se a hora a que S. M. Britânica começa oficialmente a sua visita a Portugal, apresentamos à velha Nação Aliada as saudações que, *una voce*, todos os portugueses lhe dirigem na pessoa da sua ilustre e veneranda soberana.

Isabel II descendente em linha recta dos velhos monarcas ingleses que, desde longa data, com os reis de Portugal reconheceram as vantagens mútuas de uma aliança leal entre os dois povos de marinheiros representa, para o povo britânico, não só a Secular Família sob cuja direcção a Inglaterra tem singrado através dos tempos, mas constitui o símbolo vivo da sua Unidade Imperial.

Perante a sua Rainha, como sucedeu com a figura simpática, honrada e dedicadíssima ao Seu povo, de Jorge VI e Magestade serena e firme da Rainha Vitoria, o inglês inclina-se respeitoso, transborda de carinho e sente-se reconfortado.

Ao recebermos Isabel II sentimos que nos visita toda a Inglaterra unida, viva de tradição, firme no seu passado e segura pelo seu futuro.

Esta visita da Primeira Família Inglesa pois que nas velhas monarquias a cúpula da soberania nacional incarnava-se na célula natural e primária da sociedade humana, fortalecerá estes velhos laços de estima, respeito, amizade, mútua compreensão entre os dois povos cuja aliança é a mais antiga realidade política do mundo.

Nessa convicção e desejo, beijamos a mão da Excelsa Senhora e gritamos respeitosamente:

Hurrah, Hurrah, Hurrah pela Inglaterra!  
Arraial, Arraial Arraial, por Portugal!



**A** visinha cidade de Portimão esteve em festa no passado domingo. Com o pretexto de inaugurar condignamente vários melhoramentos, conseguiu o prestígio do nosso prezado amigo Salvador Gomes Vilarinho, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Portimão, trazer à sua cidade os Senhores Ministros do Interior e da Educação Nacional. Fim mediato da visita era exprimir, no ambiente eufórico das inaugurações, a gratidão dos portimonenses àqueles ilustres membros do Governo pela sua contribuição, aliás indispensável, para os benefícios de que a cidade ultimamente passou a gozar.

A brilhantíssima recepção dispensada aos Senhores Dr. Trigo de Negreiros e Eng.º Leite Pinto, mostrou como os algarvios sabem agradecer e fazer justiça, e os dois Ministros devem ter sentido compensadora alegria pela atenção que, oportunamente, dispensaram aos problemas cuja solução motivou a grande satisfação das gentes do concelho.

De parabéns esteve o nosso estimado amigo Salvador Vilarinho, não só por haver obtido para a sua cidade os benefícios por que, tenaz e sempre alegremente, trabalhou, mas também por verificar que Portimão soube corresponder e agradecer.

Recebidos apoteoticamente os membros do Governo, acompanhados da sua comitiva, dirigiram-se à Câmara Municipal, onde inauguraram as novas instalações dos Paços do Concelho e receberam as saudações do Sr. Presidente do Município que históricamente a vida municipal durante os sete anos da sua gerência.

Respondeu o Sr. Dr. Trigo de Negreiros que frizou, com inteira verdade, o quanto o Governo de Salazar tem feito por Portugal inteiro, o quanto se torna necessário manter o mesmo ambiente de unidade e paz e o quanto o nosso país constitui pelo mundo inteiro um todo único, que nada tem que esconder ou que dar contas a quem quer que procure curar da vida alheia, quando tanto tem que fazer na própria. E a terminar, a certeza de que um pensamento, um anseio, um sentimento nos une a todos e se traduz por uma palavra: Portugal.

Entregaram-se depois as chaves das 20 casas para as classes pobres, que fazem parte das 80 recentemente construídas no Bairro do Pontal; inauguraram-se as novas instalações da Biblioteca Municipal, que já hoje conta para

(Continuação na 4.ª página)

## O Algarve precisa ser acarinhado

**O** nosso colega — permita-se-nos a igualação — «Diário Ilustrado», transcrevendo, com palavras amigas, parte do nosso editorial «Lisboa dos Algarvios e Algarve», glossa-o com as seguintes palavras:

«Não cremos que haja má vontade contra o Algarve, nem o propósito de ignorar os seus problemas. Mas não podemos deixar de concordar em que, de facto, é preciso olhar com carinho e simpatia essa formosa terra das amendoeiras, do alentejo, da sardinha, do figo e da alfarroba, do tão vibrante «corridinho» e de tão acolhedora e laboriosa gente.

Pode o Algarve contar com o «Diário Ilustrado» para a divulgação dos seus problemas e das suas necessidades. As nossas colunas abrem-se-lhe entusiasticamente, como aliás, a todas as províncias que necessitem de um porta-voz amigo.

Se os Algarvios quiserem, talvez as dificuldades não sejam difíceis de remover e talvez, onde se pensa existir má vontade, haja somente escassez de informações sobre a situação real».

Acreditamos que não há má vontade para conosco e também concordamos com... se os algarvios quiserem...

Tem o colega razão, às vezes os algarvios parece que não querem ou pelo menos não levam o seu querer ao ponto a que o devam levar.

Talvez venhamos a falar disso e em qualquer caso, o nosso reconhecimento pela solidariedade que nos dá ao prezado colega da capital. Aceitamo-la e utilizamo-la emo.



**É** hoje que, em Lisboa, se realiza a brilhante homenagem que, um grupo de amigos presta a este nosso ilustre conterrâneo, distinto Engenheiro Geógrafo e Astrónomo, licenciado em Matemática e Capitão de Artilharia, Dr. José António Madeira.

Se, nas altas funções e cargos que tem desempenhado e lhe grangearam as condecorações de Oficial das Ordens Militares de «Cristo» e de «Áviz» e a medalha de prata de «Bons Serviços» e os inúmeros louvores de que rega o seu «Curriculum Vitae», ficou vincada a sua alta proficiência, como cientista de alto merecimento e valor, algo de mais se tem de dizer, ao definir a sua com-

(Continuação na 3.ª página)

## Jornal de Lagos

**C**OM o n.º 1050, há dias publicado, completou o seu 31.º aniversário este nosso prezado colega que vê a luz da publicidade na vetusta cidade que lhe empresta o nome, sob a proficiente direcção do sr. Jacques d'Oliveira Neves e a quem, por esse facto, endereçamos as nossas saudações.

Igualmente enviamos os nossos parabéns ao seu proprietário e editor Sr. Francisco C. Paula, nosso prezado conterrâneo e amigo há muitos anos residente em Lagos, onde fundou o seu simpático jornal.

Os nossos votos de longo e próspera existência em prol da linda região que serve.

## A propósito de Poesia

**Q**UEM quer que tenha seguido este artigo — e só os que o têm seguido lhe poderão encontrar algum sentido — está nesta altura ao facto da maneira como venho

Continuação do número 103

Por A. Santa Clara

interpretando, em suas linhas gerais, a origem e desenvolvimento do conceito de Estética. Não julgo inútil uma breve recapitulação dos seus pontos essenciais:

«A arte é acto voluntário que se manifesta por necessidade de expressão, distinguindo-se da Ciência que é acto espontâneo que se manifesta por necessidade de entendimento. Na apreciação das obras de Arte não pode deixar de haver raciocínio porque se este não existisse não existiria a Crítica de Arte nem possibilidade de selecção; se há raciocínio este encontra-se evidentemente sujeito às regras gerais da Lógica. Por outro lado, se há raciocínio, é necessário que exista também alguma coisa bem estável, em que as divergências de opinião sejam reduzidas ao mínimo, e sobre a qual se possa apoiar um critério. Ora, como a Arte é essencialmente feita para agradar — e em primeiro lugar se dirige aos sentidos — esse alguma coisa diz respeito ao gosto. Assim, apesar da diversidade de gostos, na sua qualidade, de elementos subjectivos, é forçoso que exista, no mundo exterior que nos cerca, determinados elementos objectivos capazes de se imporem ao gosto normal da maioria, de modo a tornar-se possível a existência duma opinião comum, suficientemente extensa, para, segundo ela, se poder distinguir

Continuação na 2.ª página

Visado pela Comissão  
de Censura

## O comboio do ALGARVE

«A Voz de Loulé» e o «Diário Ilustrado»

**N**O número de domingo, 10 do corrente, o novo diário, que está despertando viva sensação no mundo da imprensa portuguesa, fazia alusão e transcrevia parte de um artigo do nosso Director que, a propósito do monumento de Sagres, lamentara o desprezo a que parece votado o Algarve, em matéria de melhoramentos públicos.

Gentilmente, aquele interessante Diário, punha as suas colunas à disposição dos Algarvios, para reivindicarem os seus problemas, agitando-os e defendê-los, lembrando que, se muitas vezes, o Algarve vê os seus problemas postergados, será porque deles não haja conhecimento das entidades a quem incumbe a sua resolução.

No entanto, são problemas tão velhos e relhos que até aos algarvios parecem anacrónicos.

E' o aeroporto do Algarve, é o Sanatório para Tuberculosos, é o Monumento ao Infante, dos que nos lembra terem sido quase realizados. Mas... desaparecem!

Muitos outros estão para resolver. Não vamos agora agitar-los, porque a ocasião não é oportuna, nem o poderíamos fazer, dada a sua extensa lista.

Mas se até o mais comensinho não vem!!

Ora, veja lá o ilustre colega (que a nossa imodéstia passe despercebida) o que se passa com o comboio do Algarve!

Temos um rápido que é tri-semanário e que, com toda a rapidez, vai pelo percurso mais longo, levando no trajeto mais um terço do tempo

(Continuação na 4.ª página)

## Campanha contra a Língua Azul

**Para conhecimento dos interessados publicam-se as normas segundo as quais se desenvolverá, este ano, a Campanha de profilaxia da Febre Catarral dos Ovinos:**

1.ª — A Campanha de luta contra a «Febre Catarral dos Ovinos» (Língua Azul), iniciou-se em 1 de Fevereiro de 1957, com base na vacinação preventiva;

2.ª — Para as vacinações a praticar até 1 de Maio a vacina será cedida gratuitamente pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, através das Intendências de Pecuária, a todos os médicos-veterinários que a requisitarem. Só será utilizada na campanha a vacina produzida no Laboratório Central de Patologia Veterinária;

3.ª — Por cada rebanho vacinado será passado pelo respectivo médico-veterinário um boletim de vacinação que habilitará o proprietário ou possuidor dos animais a obter a guia sanitária de trânsito;

4.ª — A partir de 1 de Maio é proibido o trânsito de ovinos que não tenham sido vacinados, qualquer que seja o seu destino;

5.ª — A Direcção-Geral dos Serviços Pecuários publicará oportunamente as condições a que fica sujeito o trânsito dos ovinos.

## O CARNAVAL DE LOULÉ

**A**PROXIMA SE o Carnaval e tudo se apresta para que Loulé vista as suas tradicionais galas, para que Loulé dê que falar de si.

As Batalhas de Flores, os Cortejos carnavalescos, as cegadas ou estudantinas, os bailes de categoria, enfim, são atributos em que Loulé dá a palma a todos os imitadores que têm aparecido nos últimos anos. É que Loulé tem, pelo Carnaval, uma velha tradição. Loulé vive no Carnaval, do mais alto ao mais baixo, com um sentido de festa que está na própria essência do seu ser.

Tudo se prepara para que a festa não desmereça da do ano anterior e é assim que se compreende o brio e o baírrismo louletano.

E tem sido à custa destas Festas que Loulé con-



seguir ter o magnífico edifício hospitalar que hoje possui e que é, sem dúvida, o melhor apetrechado do Algarve neste momento.

Saudemos e encorajemos o Carnaval de Loulé, como festa de tradição e como elemento de valorização do seu valor assis-



# «Loulé... em retrato»

Loulé dá gente para tudo. Para a emigração, que deve ser o maior foco emigratório do Algarve, para motoristas, para electricistas, sapateiros, carpinteiros, oleiros, enfim uma pulverização de mistério que, às vezes pensamos se, apesar de não ter qualquer indústria grande aparente, esta infinidade de artesões, não será em si mesmo, um alto expoente de espírito trabalhador e fabril.

A rapaziada de Loulé, adapta-se a tudo, tem habilidade, é curiosa e caprichosa na maneira de executar e, em geral, sai-se airoso de aquilo em que se mete.

Nos desportos porém e salvo um ligeiro período em que a bicicleta marcou com uns Cabritas Mealhas, Joaquim Apolo e outros, não dá que falar.

E sabem por quê?

Em uns fazendo um grupo ou constituindo uma associação aparecem logo muitos a querer fazer o mesmo.

Mas se esta pulverização dá resultado em trabalho fabril, parece não dar na arte dos desportos.

E assim Loulé, nunca conseguiu fazer grande coisa em futebol.

Apesar dos esforços da P. V. T. ainda há certos condutores de motos e bicicletas motorizadas que fazem gala em subir ou descer a nossa Avenida, com uma velocidade de meteoros, não se lembrando que, das ruas transversais, tanto pode sair um camarada de igual força, como um automóvel ou uma simples criança a correr.

Na Holanda, por um decreto recente foi determinado que as bicicletas mo-

## Dama de companhia

Oferece-se, com 45 anos, sabendo trabalhos caseiros.

Nesta redacção se informa.

torizadas, quer fabricadas no País, quer importadas, não podem ultrapassar a velocidade de 40 quilómetros à hora.

Seria de desejar que em Portugal se fizesse o mesmo.

Vimos há dias no cinema um filme que se intitulava «O Ritmo do Século» e que constituía uma espécie de propaganda e apologia do batuque branco, inventado pelos pretos, a que os americanos dão o nome de «Rock and Roll». Ficámos convencidos de que ali havia qualquer coisa de «doidos».

Não sabemos se são os músicos, se os que dançam, se os que assistem ou se, não seremos nós mesmos, os que tivemos paciência para ver uma porcaria daquelas.

Mas a rapaziada gostou. Assobiou, bateu o pé, ginchou, trejeitou e fez de conta que o cinema era um campo de futebol. Temos a impressão de que a rapaziada hoje aprecia imenso o que não percebe, mas cheira a inovação, foge do hábito.

Reporter X

## João Caetano de Sousa Leal, Limitada LOULÉ

### Trespasa-se a secção de retalha desta firma

Por motivo de falecimento de um dos sócios e por o outro não poder estar à frente das Secções de Retalhos e Atacado.

Casa com mais de 50 anos de existência e bem localizada. Dão-se facilidades de pagamento.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal ou António de Sousa Leal.

### Se aprecia

«A VOZ DE LOULÉ» recomende-a aos seus amigos

# A propósito de Poesia

(Continuação da 1.ª página)

e classificar num critério, se não totalmente aceite, pelo menos aceite pela maior parte. Esses elementos objectivo sobre os quais se constroem o critério de apreciação artística, são: na Natureza—Equilíbrio, Simetria e Proporções, derivadas da experiência da gravidade, no caso Estético; Ritmo, no caso Dinâmico; na criação artística, Semelhança com o modelo.

Em ambas—(Natureza e criação artística)—Originalidade (identificada com Poesia).

A Poesia é pois o traço comum de todas as formas de expressão artística. Citei Pintura, Escultura, Música e Literatura, como as principais. Outras existem que derivam ou participam destas: a Arquitectura e a Coreografia.

A partir destes elementos começa a operar-se uma evolução do gosto em que entram em jogo dois factores que se conjugam para produzir determinado padrão, na medida em que são antagónicos; são a tendência para a originalidade (fugir do hábito, portanto) e a tendência oposta para se manter no hábito.

Isto verifica-se com uma experiência conhecida de todos: a Moda.

A tendência é alterar mas é sempre com relutância que se altera; em seguida, o hábito faz aceitar o que parecia detestável. Este fenómeno passa-se nas diferentes formas de expressão artística, do qual as modas, quanto a vestuário, decoração, mobiliário, arquitectura, não são mais que casos particulares. Nesta evolução do gosto, realizada no convívio da obra e vendo determinada sucessão de obras, o conceito estético adquire um alto grau de acuidade que lhe permite um critério de selecção cada vez mais apurado.

Tudo o que venho dizendo — é bom ter isto presente — implica a existência no indivíduo duma sensibilidade natural já de si apurada, aliada a uma inteligência normal; porque há pessoas a quem nenhuma educação conseguiria apurar o gosto.

O indivíduo que educa as suas faculdades estéticas tor-

na-se apto a escolher, entre várias linhas, aquela que resulta melhor no conjunto.

O que nos determina aqui a escolher com acerto?

Eis uma pergunta que muitas vezes fiz a mim próprio e para a qual julgo ter achado a resposta adequada. Penso o seguinte: o Elemento-origina- lidade tende a corrigir a monotonia provocada pelo Elemento-simetria, libertando-se deste na medida em que esta libertação não destrua a harmonia dum conjunto.

Quando dizemos que determinada linha não é elegante — quando a achamos feia — exprimimo-nos assim depois de, mesmo sem darmos por isso, termos relacionado essa linha com os planos de simetria que o conjunto sugere e também, em grande parte, sugeridos por aquilo que nos habituámos a ver. Isto é uma experiência comum perante um novo modelo de automóvel. A correcção que daríamos à linha que nos parece feia, seria, em parte, aproximá-la da orientação desses planos de Simetria, e em parte aproximá-la daqueles com que o hábito nos familiarizou. Achar o equilíbrio entre as situações correspondentes às duas solicitações — Simetria e Originalidade — é encontrar a chave que soluciona o problema estético. Este equilíbrio identifica-se com a Simplicidade.

Todos nós temos, pela experiência própria, evoluído na educação do gosto: o que primeiro nos atraiu foi o elemento decorativo, tal como sucede ainda com povos de civilização rudimentar; só mais tarde é que percebemos o valor da Simplicidade e em vez do excesso de decoração preferimos o equilíbrio e proporção de linhas e volumes.

Na História da Arte passa-se o mesmo fenómeno: gosto pelos enfeites, pelo elemento decorativo cujo excesso se torna em franca decadência; em seguida, um renascimento do gosto pela Simplicidade até que atinge o seu apogeu para voltar a cair de novo. A Renascença — renascimento do gosto pelas formas da arte clássica grega — é um exemplo típico bem conhecido.

Em toda a História da Arte os homens têm ido, de tempos a tempos, renovar e purificar a sua inspiração nos Primitivos.

O artista é por natureza um espírito insubmisso que luta contra a Rotina. E nesta insubmissão reside o seu verdadeiro valor. Não se sujeita a grilhetas e quer libertar-se.

Porém a Arte tem, como tudo, Regras; e toda a criação neste sentido que se torne incompreendida por todos, perde o significado de Arte visto que esta implica a existência do espectador que dela toma consciência. Pode o artista afirmar aos quatro ventos que aquilo que ali está, feito por suas mãos, é obra de Arte; se ninguém a entender, a afirmação do Artista não significa coisa alguma.

A tendência para a Originalidade pode degradar a Arte e degradá-la a logo que todas as Regras sejam abandonadas.

O exemplo em que o elemento originalidade atinge, sem se degradar, o mais elevado grau, é-nos dado, por assim dizer, simultaneamente, em três formas de expressão artística: Escultura, Pintura e Música, respectivamente, com os nomes de Rodin, Monet e Debussy. Todo o exagero que se seguiu, é o declínio deste apogeu.

No próximo número concluiremos falando, enfim, de Poesia.

(Conclui no próximo número)

A. Santa Clara

# SALGADO & COMPANHIA LIMITADA

Por escritura de 9 de Fevereiro de 1957, exarada nas notas da secção a cargo do notário da Secretaria Notarial de Loulé, Licenciado José Alves Maria, foi constituída entre Manuel Gonçalves Salgado, Rafael Pedro Pereira e José Amado da Cerca, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual será regida pelos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Salgado & Companhia, Limitada, tem a sua sede nesta vila de Loulé e estabelecimento na Praça da República, números 42 a 46, o seu início contar-se-á desde hoje e durará por tempo indeterminado.

2.º

O seu objecto é o exercício da indústria de panificação, ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios resolvam explorar e para cujo exercício não seja necessária autorização especial.

4.º

O capital social é de esc. 40.000\$00, integralmente realizado, e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: uma de esc. 34.000\$00 pertencente ao sócio Manuel Gonçalves Salgado; outra de 4.000\$00, subscrita pelo sócio Rafael Pedro Pereira, e outra de 2.000\$00, subscrita pelo sócio José Amado da Cerca.

4.º

A quota do sócio Manuel Gonçalves Salgado é representada pelo seu estabelecimento de padaria, livre do passivo e com exclusão dos créditos, licenciado pelo alvará n.º 6.434, passado na Direcção-Geral dos Serviços Industriais, em 9 de Maio de 1925, e averbado em nome deste sócio, em 24 de Abril de 1951, na 5.ª Circunscrição Industrial, em Faro, instalado no rés-do-chão do prédio urbano, sito na Praça da República, nesta vila, com os n.ºs 42 a 46, inscrito na matriz urbana da freguesia de São Clemente, sob o artigo 735, e pelos estabelecimentos de depósitos de padaria para venda de pão de farinha espadada, um instalado em 2 compartimentos do rés-do-chão, com o n.º 47 do prédio situado na Praça ou Largo do Doutor Oliveira Salazar, nesta vila, inscrito na matriz urbana da freguesia de São Sebastião, sob o artigo 2.591, e outro instalado em 2 compartimentos com os n.ºs 99 e 67, de um prédio térreo, na Avenida Marçal Pacheco, tornejando para a rua do Engenheiro Duarte Pacheco, desta vila, inscrito na matriz urbana da freguesia de São Clemente, sob o artigo 124, estes últimos estabelecimentos com os n.ºs 6.044 e 6.045, respectivamente, na referida 5.ª Circunscrição Industrial, conforme Boletins do Registo do Trabalho Nacional de 4 de Março de 1949, tudo no valor de 34.000\$00, incluído o de 2.000\$00 que foi atribuído aos locais, quantia por que transfere para a sociedade, à qual ficam exclusivamente pertencendo os referidos estabelecimentos. As quotas dos

restantes sócios são em dinheiro, já entrado na caixa social.

5.º

Não serão exigíveis prestações suplementares, mas qualquer sócio poderá fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, mediante as condições a fixar em acta.

6.º

Todos os sócios ficam nomeados gerentes, sem caução e sem retribuição, podendo qualquer deles usar da firma social, mas apenas nos negócios da sociedade e nunca em letras de favor, fianças, abonações e actos semelhantes. O sócio Manuel Gonçalves Salgado poderá delegar, por meio de procuração, os seus poderes de gerência em qualquer consócio ou em pessoa estranha à sociedade.

7.º

A cessão de quotas, no todo ou em parte, entre sócios, é livremente permitida, mas a pessoas ou entidades estranhas à sociedade, só poderá ser efectuada depois de obtido o consentimento dos demais sócios, excepto se o cedente for o sócio Manuel Gonçalves Salgado, pois poderá este alienar livremente a sua quota, no todo ou em parte, a quem entender, podendo, para o efeito, dividi-la previamente, como for legalmente possível.

8.º

Nenhum dos sócios, sob pena de indemnização de perdas e danos, poderá directa ou indirectamente exercer nesta vila de Loulé, negócio igual ao explorado pela sociedade, proibição que subsistirá para aqueles dos sócios que, porventura se desliguem da sociedade, e que durará pelo prazo de 10 anos, a contar da data da saída da sociedade.

9.º

Os balanços encerrar-se-ão em 31 de Dezembro de cada ano, e os lucros líquidos por eles apurados, deduzida a percentagem de 5 /, para formação ou reintegração do fundo de reserva legal ou os prejuízos, serão divididos ou suportados pelos sócios, na proporção das suas quotas.

10.º

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas e dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, salvo se a lei determinar outra forma de convocação.

11.º

Esta sociedade dissolver-se-á unicamente nos casos legais, e, em qualquer caso de dissolução, serão liquidatários os gerentes, procedendo-se à liquidação e partilha conforme for acordado e de direito.

12.º

No omissio regulará a lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicável.

Loulé, 11 de Fevereiro de 1957.

O notário,

José Alves Maria

# "NUFFIELD-UNIVERSAL"

O mais moderno e completo TRACTOR DE RODAS

Características principais:

Tractor «NUFFIELD-UNIVERSAL» modelo «DM-4»

Motor «BMC» Diesel tipo «OEA/2», de 45 HP, 4 cilindros, desenvolvendo 43 HP no tambor de accionamento e 41 HP na barra de tracção. Caixa de 6 velocidades: 5 para a frente e 1 para a rectaguarda. Travão de mão para estacionamento. Travões de pé independentes. Arranque e instalação eléctrica (máximos, médios e mínimos) incluindo farol de lavoura e buzina. Pneus: 7.50 x 18 com 6 telas à frente e 14 x 30 com 6 telas à rectaguarda. Eixo das rodas da frente ajustável. Rodas de trás ajustáveis. Tambor de accionamento montado à esquerda, com embraiagem e conversão para a correia trabalhar para a rectaguarda.

Sistema hidráulico de 3 pontos de apoio para alfaia e básculas montadas. Cortina de radiador e termómetro. Barra de tracção ajustável. Conta horas. Tomada de força. Ferramentas e caixa para as mesmas. Almofada. Peso exterior montado à frente. Manivela. Espelho retrovisor e reflectores. Peso do tractor 3.080 quilos. Peso bruto rebocável autorizado 5.625 quilos.

Distribuidores exclusivos:

## H. VAULTIER & C.ª

Telefone 239

9, Rua Conselheiro Bivar, 9-A

F A R O

## Farmácia MADEIRA

Direção técnica de: Manuel C. Madeira

Avenida Marçal Pacheco, 74 a 78

(Em frente do Hospital)

TELEFONE 71

LOULÉ

Especialidades nacionais e estrangeiras

PRODUTOS QUÍMICOS

SUBSTANCIAS MEDICINAIS

ACESSÓRIOS

PERFUMARIAS, ETC..

Produtos destinados à higiene e à profilaxia



## Associação de Assistência à Mendicidade

**N**ÃO podemos deixar de reconhecer que o aspecto da vila sob o ponto de vista da mendicidade é hoje, felizmente, muito ou

ito. Não queremos dizer que não haja pobreza na nossa terra, pois isso seria iludir a verdade. Há, temos que reconhecê-lo, e haverá sempre. Nem é nos o propósito extingui-la, nem isso está nas possibilidades humanas de quem quer que seja. Temos pretendido, sim, dar-lhe dignidade, evitando, quanto possível, que tenha que andar a estender a mão à caridade pública, acto sempre triste e humilhante para quem precisa.

Para evitar esse mal social se associaram algumas pessoas caridosas da nossa terra e muitas naturais, fora dela residentes, que de uma maneira impressionante acorrem ao pagamento das suas voluntárias cotizações, ou enviam as suas preciosas ajudas para que a obra de assistência à mendicidade em boa hora começada, não tenha que acabar à míngua de recursos.

Temos lutado e perseverado, com algum sacrifício é certo, mas já se divisa no horizonte uma vaga e aliantes esperança de que o esforço dispendido não terá sido em vão. Julgamos que já hoje não seria possível, sem grande desgosto da laboriosa e altruista população desta vila, voltar ao antigo.

Assim o esperamos, e os auxílios que continuamente nos são enviados e aqui sinceramente agradecemos, são prova segura de que os louletanos naturais ou residentes, ampararão sempre esta simpática obra que no fim e ao cabo é inteiramente o produto da sua tradicional benemerência.

Nos próximos números publicaremos as contas do ano findo.

A Comissão

## SALIR

Por motivo de retirada, vende-se o «Café Central» em Salir e várias propriedades.

Quem pretender dirija-se a David Guerreiro — SALIR.

## Ecos de SALIR

Um serviço do sr. Joaquim Guerreiro, proprietário e residente na Penina, freguesia de Alte, andava há dias a lavar numa propriedade denominada por «Oliveiras» e em dada altura o arado pôs a descoberto uma grande lage, com uma enxada descobriu-a bem, e verificou que esta servia de cobertura a uma sepultura antiga contendo ossadas humanas.

A lage é feita em massame brita miuda com a mistura, mas muito resistente assemelhando-se a cimento e com o formato um pouco arqueado. Ao ser removida foi quebrada o que é pena pois poderia ter qualquer valor arqueológico, visto este tipo de formato de cobertura, não ser vulgar nas sepulturas antigas que por aqui têm sido encontradas.

No local existem muitos fragmentos de telhas, tijolos e pedras, indícios de que ali em tempos idos, já houve construções.

Nesta região as amendoeiras estão a florir dando aos campos um aspecto maravilhoso.

De visita a seus pais esteve nesta localidade a sr. D. Estefania Madeira Teixeira, residente em Lisboa. Para comemorar as «bodas de prata» do seu casamento o sr. José Isidoro Viegas e sua esposa D. Maria de Sousa Viegas, residentes nesta localidade mandaram celebrar na Igreja Matriz uma missa em acção de graças, a que assistiram muitas pessoas principalmente convidados. Foi celebrante o Rev. Dr. Henrique, director espiritual do Colégio de Nossa Senhora do Alto de Faro, acolitado pelo Rev. Prior desta freguesia, tendo o Rev. Dr. Henrique pronunciado uma breve mas sentida allocução alusiva ao acto. Houve a troca das respectivas alianças mas em prata.

Ao feliz casal desejamos-lhe longa vida para que comemorem pelo menos as bodas de ouro.

Com um dia primaveril, chegaram no dia 10 as primeiras andorinhas.

C.

## VIAJANTE

com carta de ligeiros para armazém de mercearias, precisa-se.

Nesta redacção se informa.

## CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação, junto à estrada de São Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardino LOULÉ.

## VENDE-SE

Na Ribeira do Algre, uma horta com pomar, oliveiras e abundância de água tirada a motor.

Nos Corregos de Santa Luzia, três courelas de terra de semear com alfarrobeiras, figueiras, amendoeiras e oliveiras.

Tratar na Serralharia José Bernardo — Loulé.

## Dr. José António Madeira

(Continuação da 1.ª página)

plexa personalidade pessoal e o acendrado culto que o regionalismo algarvio lhe tem merecido.

O Dr. José António Madeira, é acima de tudo pessoa de uma bondade e modestia encantadora, sempre disposto a sacrificar-se para servir qualquer causa justa como qualquer amigo que dele precise, ou a tomar calor e entusiasmo pela persecução de qualquer melhoramento ou benefício, para a sua Província ou para a sua Terra.

Secretário, ainda que durante curto lapso de tempo (4/5/1928 a 25/6/928), de Duarte Pacheco quando este sobraçou a Pasta da Instrução Pública, foi muitos anos Presidente da Mesa da Assembleia Geral e da Direcção do Sindicato Nacional dos Engenheiros Geógrafos e hoje é vogal da Comissão Directiva da Ordem dos Engenheiros.

Foi bolseiro da Junta de Educação Nacional, do Instituto de Alta Cultura, encarregado de missões científicas, junto dos Observatórios Astronómicos de Greenwich, Paris e Uccle. Autor de valiosos livros e trabalhos que têm merecido os melhores comentários e elogios dos mais distintos cientistas nacionais e estrangeiros o Dr. José António Madeira, bem merece dos seus amigos, a justa homenagem que se lhe vão prestar e é um digno consagração das suas altas virtudes, da sua grande ilustração, e do seu acendrado regionalismo.

Não poderia «A Voz de Loulé», voz da sua terra natal que muitas intervenções benéficas lhe tem merecido, deixar de estar presente na digna homenagem que lhe é prestada.

E, entre tantos abraços de gente de valor, de camaradas e de cientistas, não lhe faltará este, porventura, o mais afectuoso, mais sensibilizante para o seu coração de louletano.

R. P.

## Pensão Mário

de Mário da Silva Calvo

QUARTEIRA

Recebe hóspedes para o Carnaval.

Quartos — Refeições

## Secção Pecuária

(Continuação da 4.ª página)

gua (glossite), são por demais conhecidos dos nossos pastores e proprietários de gados.

Além dos ovinos também os bovinos, em condições naturais, podem contrair a «Lingua Azul». Todavia os bovinos são mais resistentes à infecção, a incidência é baixa e a doença, em regra, ocorre esporadicamente.

Até hoje ainda não se descobriu um tratamento eficaz para esta terrível virose e a acção médica limita-se a uma terapêutica sintomática, na maioria dos casos inoperante.

A imunização com vacinas atenuadas, feita antes da doença aparecer, constitui a única arma eficaz contra as devastações que a Febre catarral pode ocasionar.

Sabido que existem várias estirpes de vírus e que a vacina feita com determinada estirpe não imune contra uma estirpe heteróloga, impõe-se o uso de vacinas polivalentes, abrangendo o maior número de estirpes diferenciadas.

São estas vacinas as que actualmente se usam e o nosso Laboratório Central de Patologia Veterinária está produzindo em larga escala, com os melhores resultados.

O Ministério da Economia, por intermédio da Direcção Geral dos Serviços Pecuários, recendo, com as sobradas razões, o aparecimento de um novo surto de Febre catarral, no verão que se avizinha, resolveu levar a efeito, em todo o país, uma Campanha de vacinação, a qual teve início em 1 de Fevereiro findo e vai até 31 de Abril próximo.

Durante o período da Campanha, isto é entre 1 de Fevereiro e 31 de Abril, a Direcção Geral dos Serviços Pecuários fornece gratuitamente a vacina e o proprietário do gado apenas tem de pagar o trabalho ao médico veterinário que fizer o serviço.

Terminado o período da Campanha a Direcção Geral dos Serviços Pecuários fixará as novas condições para todos os que não tiverem vacinado os seus gados dentro da citada Campanha.

Por cada rebanho vacinado o médico-veterinário passará um boletim de vacina, o qual, a partir de 1 de Maio, tem de ser apresentado a todas as autoridades, encarregadas da fiscalização, que o pedirem.

Portanto a partir da data referida é proibido o trânsito de ovinos que não tenham sido vacinados, seja qual for o seu destino.

Deste modo o proprietário de gado lanigero que, desde já, mande vacinar os seus efectivos, não só defende a sua economia, como colabora com o Estado, pois só a vacinação, aplicada a tempo, evitará as grandes devastações, como aquelas que o país sofreu no ano passado.

Lemos Tavares

## Portas usadas

Vendem-se portas usadas, de interiores e exteriores, em estado novo, Tratar com José Rodrigues Catarino—Ameixial.

## VENDE-SE

O prédio em que está instalada a pensão «Mário», em Quarteira e um outro anexo.

Trata o solicitador encartado nesta comarca, J. Madeira Teixeira.

## Condeças & Bota, Limitada

Por escritura de 21 de Março de 1951, lavrada pelo notário da secretaria notarial de Loulé licenciado José Alves Maria, foi constituída entre Francisco Correia Condeça, Francisco Bota Bota e Bento Correia Condeça uma sociedade comercial por quotas, regida pelos artigos seguintes:

1.º A sociedade adopta a firma Condeças & Bota Bota, Lda e tem a sua sede em Loulé.

2.º O seu objecto é o exercício do comércio de bicicletas e acessórios e malhas e miudezas, ou qualquer outro ramo de negócio que resolva explorar e para cujo exercício não seja precisa autorização especial.

3.º A sua duração é por tempo indeterminado e o seu começo contar-se-á desde hoje.

4.º O capital social é de 75.000\$. em dinheiro, integralmente realizado, para o qual cada um dos sócios subscreeveu uma quota de 25.000\$.

5.º A administração e gerência de todos os negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa ou passivamente, serão exercidas por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com o uso da firma e dispensa de caução.

6.º Único. Para a sociedade ficar obrigada é indispensável a assinatura de dois sócios gerentes conjuntamente, bastando, porém, a assinatura de um só deles em recibos, correspondência simples e outros actos de mero expediente.

7.º Fica vedado aos gerentes o uso da firma em fianças, abonações, letras de favor e mais actos e contratos que não digam respeito aos negócios da sociedade, sob pena de o infractor ser responsável para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causar com esse uso.

8.º A cotação total ou parcial de quotas entre sócios é livremente permitida, mas a estranhos só com o consentimento da sociedade, a qual se reserva o direito de preferência, e este direito, não querendo ela exercê-lo, pertencerá aos sócios individualmente, dividido pelos que o quiserem conforme for legalmente possível.

9.º Os balanços encerrar-se-ão em 31 de Dezembro de cada ano e os lucros líquidos neles apurados, depois de deduzidos 5 por cento, pelos menos, para fundo de reserva legal, ou os prejuízos, serão divididos ou suportados pelos sócios na proporção das suas quotas.

10.º As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, indicando sempre o assunto a deliberar, salvo se a lei determinar outra forma de convocação.

11.º Esta sociedade dissolve-se unicamente nos casos legais e em qualquer caso de dissolução serão liquidatários os gerentes, procedendo-se à liquidação e partilha conforme for acordado e de direito.

Nos casos omissos regulará a Lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicável.

Loulé, 19 de Abril de 1951.

O Notário,

José Alves Maria

## Alfarrobeiras

Cedem-se alfarrobeiras que sobram de viveiro.

Tratar na Farmácia Pinto — LOULÉ.

## Diário

(Continuação da 4.ª página)

Fev. 13—Dois Poemas...

I  
A cor rejuvenesceu  
contrariando o tempo  
e nascendo emoções no olhar...

II  
O banco a dizer-me nada  
aparentemente  
e a sofrer-me com a voz do passado...  
(na alameda)

Fev. 14—Outra vez o Cinema?

Não, desta vez não vou escrever sobre cinema. Apenas umas linhas sobre «O Noivo das Caldas».

Durante a projecção *disto* ri (era para rir, se não estou em erro) uma ou duas vezes. Das piadas portuguesas do António Silva—*não é li-nhagem, é linhaça*—especialmente. Ou então, neste caso ri com pena, da chocante pobreza artística evidenciada por Ana Paula.

Não continuo. O que não impede que deixe de soltar duas palavras que me ferver cá dentro QUE POBRE-ZA!!!

Fev. 15—Um quadro, outro quadro: duas realidades

Sentados no chão; confundindo-se com a lama, e respirando nuvens de poeira, um grupo de crianças pálidas e franzinas.

Se me parecem alegres é porque não conhecem ainda o significado da palavra *bem-estar*.

Se brincam é porque não têm ainda idade para trabalhar...

Há um motivo para explicar o quadro já exposto.

Foi o outro quadro, o segundo.

Li um artigo sobre a escritora Humphrey Ward e a sua obra social em prol das crianças do seu país. E adivinhei a verdadeira felicidade nestas gravuras, onde algumas crianças inglesas, dos bairros mais pobres—os nossos bairros da lata correspondem aos *slums*, da Inglaterra—se divertem nas salas e nos parques dos *Play Centres*.

Nesta gravura, um grupo de meninos a formar um baile de roda... (Nós temos lindas canções para se cantarem nos bailes de roda). Nesta outra um grupo de rapagões dedicados à tarefa de remover os destroços de alguns edifícios bombardeados na última guerra (Cá não temos edifícios a remover—estamos portanto em vantagem). E, nesta terceira fotografia, salta-se o plinto.

Como são felizes estas crianças e como desenvolvem a sua personalidade de neste ambiente de camaradagem, onde são consideradas como futuros elementos da sociedade e não como *sujeitos meninos* que brincam na rua, entre a lama e o movimento perigoso da rua!

Fev. 16—Fúria de Viver

Que mais poderia dizer deste documento actual e humano, do que já foi dito no Prisma pelo meu camarada Agostinho de Castro?

A morte deste James Dean deixou em aberto uma grande lacuna no campo artístico...

Porque morrem tão cedo os grandes?

Recordo nomes, grandes nomes: Cesário Verde, José Duro, Fernando Pessoa, o James Dean, também o Humphrey Bogart...

Mas em oposição a todos os nomes de poetas do mundo, aparece-me, fria, serena, imperturbável, *Dona Morte*, a única certeza quer o queiramos, quer não...

Casimiro de Brito

## VENDEN-SE

Três moradas de casas situadas na R. Serpa Pinto, Gil Vicente e Garcia da Horta, desta Vila.

Aceitam-se propostas. Informa-se nesta Redacção.

lhe anuviava, e até as pessoas lhe pareciam negras dos pés à cabeça; e ainda por cima o fedelho desatara num berreiro arreliante e cada vez mais e mais enervante. Bem lhe bastava a sua consumição, quanto mais embalá-lo? E começou a balouçar-lo nos braços com força e cada vez mais força, conforme gritava mais alto, o que fez com que se despegassem as pétalas das flores que ostentava na blusa. O peito tornava-se cada vez mais oprimido e mais pesado e ouvia-se-lhe nitidamente a respiração angustiada.

E quanto mais o seio se erguia, tanto mais alto voava a criança nos braços, e quanto mais alto se balouçava, tanto mais alto berrava, e quanto mais gritava, mais reforçados de tom eram as orações que o padre lia.

As vezes chocavam-se sobre as paredes e ecoavam pela nave, mas aos ouvidos da madrinha tudo aquilo ululava e bravejava à volta, como as ondas do mar; já não sabia onde estava e a igreja dançava com ela num redomoinho. O padre pronunciou finalmente o «Amen», e era agora o momento terrível, em que se havia de decidir se o seu afilhado devia ser marcado para toda a vida com o estigma do escarneo, assim como os seus descendentes; era o momento em que tinha de desembulhar o menino, entregá-lo ao celebrante e segredar-lhe ao ouvido direito o nome que não sabia! Destapou-o a tremer e a estremecer continuamente apresentou o nefito ao reverendo que pegou nele sem sequer olhar para ela.

Nem a interrogou com o seu olhar fuzilante; mergulhou a mão na água, humedeceu a tez da criança subitamente calada, e não lhe chamou Judas ou Exposto, mas sim João Uis, o autêntico e honrado nome do padrinho.

Uma bonança plena desceu até ela; foi não só como

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 6

JEREMIAS GOTTHELF

## A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

se todos os montes, mas também como se o sol, lua e estrelas lhe deixassem de pesar sobre o coração, ou como se alguém a tirasse dum forno em brasa para um fresco banho; todavia, ainda durante todo o sermão as pernas não queriam deixar de tremer. A pregação do padre foi bonita e comovente, explicando como a vida do homem não deve ser outra coisa senão o anseio pelo paraíso perdido e a ascensão ao céu; a madrinha decerto que não chegou a concentrar-se verdadeiramente pois quando acabou o sermão já tinha esquecido os seus dizeres.

Não lhe deram muito tempo para pode explicar aquele intraduzível receio e palidez facial; tudo redundou em muita risota e foi obrigada a ouvir muitas graças acerca da curiosidade feminina que os chalaceadores aliás só atribuíam às moçoilas por se não julgarem muito propensos a esse defeito. E já que a conversa decorria assim, não teve remédio senão meter-se nela o mais naturalmente possível. Lindos campos de aveia, esmeraldinos canteiros de linho e o seu crescimento em campinas e prados despertaram depressa as atenções, e os mais tagarelas calaram-se. Caminhavam agora devagar, sossegadamente, a apreciar todos os recantos vi-

çosos, apesar do lindo sol ascensional de Maio os aquecer já tanto, que, quando chegaram a casa, um copo de vinho fresco veio mesmo a propósito, embora houvesse protestos graciosos de vários lados contra o abuso. E com ar descuidado procurou cada um o seu lugar em frente da casa, não sem olhar para as mãos activas que se movimentavam na cosinha, enquanto a fogueira crepitava com estalidos secos. A parteira apresentava-se esbrazada como um dos três fogões acesos. Antes das onze horas tinha se chamado para a mesa toda a criação e todos se sentiam satisfeitos por aquela função já ter terminado.

A conversa fluía um tanto marrinhenta para a grupo que se sentava em frente da casa, mas não se cava; antes de comer, os pensamentos do estômago estorvavam os pensamentos da alma, todavia ninguém deu a conhecer este estado interno e todos o esconderam com palavras lentas sobre assunto diferentes.

Já estava o sol acima do meio dia, quando a parteira com o seu rosto encarniado a destacar-se do avental alvejante, apareceu à porta a anunciar a boa nova de que tudo poderia vir para a mesa. Mas a maior parte dos convidados ainda não tinha chegado, e os mensageiros enviados ao seu encontro traziam certezas de todos os lados como os seus colegas de Evangelho, com a diferença de que por enquanto ainda não podiam vir: um era só uma vista de olhos a uns operários, outro ainda tinha que ir algures, e o terceiro também tinha meio de arranjar qualquer expediente ou sofisma—mas, em todo o caso, que não esperassem nem interrompessem a festa por causa deles.

Em breve se concordou em seguir esta última su-



De Jean Renoir, apreciei hoje «A Comédia e a Vida». Trata-se de uma obra notável. Precisamente daquele género de cinema que a grande maioria do público não aprecia. Porque não o compreende quase sempre.

O assunto — interessantíssimo — é uma história à volta de uma companhia de Comédia dell'arte, esse magnífico teatro de improvisos que os italianos manejavam com genial maestria, e que nos legou as figuras simbólicas de Pierrot, Colombina, Arlequim.

Anna Magnani é a protagonista. Grande artista, esta Anna Magnani. «A Comédia e a Vida» parece-me mais de Renoir que de Prosper Mérimée, o criador da obra literária. Mas Camilla é de Merimée, inconfundivelmente. Só quem não conhece a diábólica, Carmem a não associa com esta não menos diábólica Camilla.

Entretanto Renoir continua universalizando o seu mundo artístico, onde a tentativa de compreender os homens e de lhes procurar a felicidade são a nota principal.

Como Renoir desejaria fazer felizes todos os personagens do seu *Rio Sagrado*, ou agora, os quatro elementos principais desta comédia tão belamente humana! Como Renoir desejaria descobrir um mundo onde os homens tivessem todos uma perna só!

### Fev. 12—Oiro de Nápoles

AVISO: Confesso que não desejo transformar o Meu Diário num cartaz de crítica de cinema. O que não quer dizer que deixe passar filmes como este OIRO de NÁPOLES sem escrever duas palavras.

Oiro de Nápoles é um filme de Vittorio de Sinca. Parece que está tudo dito mas não está. Vittorio tem melhor, bastante melhor. Mas Oiro de Nápoles é digno da personalidade cinematográfica e artística do seu autor.

Mais uma vez V. de S. cumpre a sua intenção de não empregar a sua câmara em banalidades. (Na minha opinião não existem banalidades, mas sim maneiras banais ou não banais de tratar os assuntos).

Oiro de Nápoles, são quatro histórias. Profundamente humanas todas elas. «O jogador» é um bom pedaço de cinema. As cenas do regresso do amigo do Rei da Massa, e a do pobre homem a quem morreu a esposa, também são bom cinema. Genial este Paolo Stoppa, Totó igual a si mesmo. Vittorio de Sinca inconfundível. Da Silvana Mangano não gostei — papel difícil (É nos papeis difíceis que faço o meu exame sobre as possibilidades deste ou daquele artista). Sophia Loren está a impor-se. (Se me fosse autorizado neste apontamento um lugar comum diria: Onde está a Silvana?... É que em «A mais bela do mundo» deixou-me decepcionado: para estas coisas de cinema só curvas não bastam...

[Continuação na 3.ª página]

## TOSSE CONVULSA

A fim de evitar a propagação desta incomoda e perigosa doença, a Delegação de Saúde de Loulé recomenda a todos os pais que vacinem quanto antes todos os seus filhos com menos de oito anos de idade.

As batalhas de Flores entre Rainhas, são Rainhas de Batalhas de Flores!

Jardim - Escola  
João de Deus  
em Messines

A Direcção da Casa do Algarve incumbiu o sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro de continuar a recolha de elementos sobre a possibilidade da criação de um Jardim-Escola evocativo do grande poeta e pedagogo João de Deus, em Messines, sua terra natal.

Se aprecia  
«A VOZ DE LOULÉ»  
recomende-a aos  
seus amigos

## Notícias Pessoais

### Partidas e chegadas

— Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria de Fátima Laginha, encontra-se em Londres, aonde se deslocou como bolseiro, o nosso prezado conterrâneo e estimado assinante, Arquitecto sr. Manuel Maria Laginha.

— Com curta demora esteve em Loulé acompanhado de sua esposa e cunhadas, o nosso conterrâneo Sr. Dr. Lélis Macias Marques, distinto Estomalogista na capital.

— De visita a sua família, esteve em Loulé com sua esposa e filhas o nosso prezado amigo sr. Aurélio Machado, professor do ensino secundário em Vila Real de Santo António.

### Casamentos

— Na Igreja Matriz desta vila realizou-se no pretérito domingo, dia 10, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Solange Pires Carapeto, gentil filha do sr. Joaquim Santos Carapeto e da sr.ª D. Maria Raminhos Pires, com o sr. Manuel da Fazenda Raminhos, filho do sr. José Pires Raminhos e da sr.ª D. Laura Roca.

Apadrinharam o acto por parte da noiva os srs. Manuel António Hilário e António Raminhos Pires e por parte do noivo o sr. Manuel Sousa Bernardino Calico e a sr.ª D. Maria Luísa Guerreiro.

Ao jovem casal os nossos votos de felicidade.

## Sporting Club Atlético

FOI eleita a Direcção do Sporting Clube Atlético para o ano de 1957, ficando assim constituída: Presidente, João Farrajota Alves; Vice-presidente, João Campos dos Santos; Tesoureiro, António Laginha Ramos; 1.º Secretário, Manuel Brito Costa; 2.º Secretário, José Pedro Rodrigues Santos; 1.º Vogal, Manuel Maria Andrade Ferreira; 2.º Vogal, José Calçada da Silva.

Por proposta da Direcção efectiva, os membros eleitos para a Direcção substituta constituíram uma Comissão de auxílio àquela Direcção, a fim de conjugarem os seus esforços para elevar o prestígio do Atlético, dando maior incremento às suas actividades Desportivas, Culturais e Artísticas.

## VENDE-SE

Um automovel VAUX-HALL com a matrícula FG 24-55. Quem pretender dirija-se a José Guerreiro Bexiga.  
Franqueada - LOULÉ.

## Desaparecido

De casa de sua família, em Almancil, desapareceu o sr. Francisco Domingos, casado, de 70 anos, que há muito sofria de alienação mental e era bastante conhecido nesta vila onde aparecia frequentemente fazendo grande alarido e descrevendo os seus projectos de construção.

Pede-se a qualquer pessoa que saiba do seu paradeiro favor de comunicar às autoridades.

## Transportes de Carga Louletana, L.ª



Largo Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Para melhoria dos nossos serviços, transferimos a nossa sucursal em LISBOA da Rua Nova do Desterro, 35, para a Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)  
Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma só podem ser tratados com

Pires ou Sousa

## PROBLEMAS de Loulé

Senhor Director de «A Voz de Loulé» e Meu prezado amigo

QUEM me conhecer de perto deve saber quanto me são caros os problemas do espírito, pois como diz o Povo nem só de pão vive o homem. E foi este o tema de uma despretenciosa palestra por mim feita no Município dessa Notável e Honrada Vila quando da distribuição dos prémios escolares. E porque assim penso, uma das minhas primeiras medidas a tomar quando tive a honra de gerir os negócios municipais, foi criar uma biblioteca e museu. Para que a medida não ficasse em teoria destinou-se a escola Conde Ferreira para a sua instalação, formou-se uma Comissão encarregada de lhe dar vida e por último fiz aprovar a verba de 12 contos para a sua inicial criação.

Sucede que, alguns amigos louletanos, aqui residentes, manifestaram a sua melhor vontade e entusiasmo em colaborar na criação da biblioteca e museu, oferecendo livros e alguns objectos antigos. Antes de me retirar do Município officiei ao distinto presidente da Comissão chamando a sua atenção para a biblioteca. Com certa máguia verifico que o assunto se encontra em ponto morto. Vejo-me assim forçado a chamar a atenção de quem de direito, para este tão necessário e importante melhoramento louletano, para o que tomo a liberdade de solicitar de «A Voz de Loulé» a sua publicidade.

Com os meus agradecimentos e os protestos da minha elevada consideração

Sou M.t.º At.º

Maurício Monteiro

Lisboa, 1/2/1957.

## Monumento ao Patrão Lopes na vila de Olhão

Reuniu em Lisboa a Comissão Promotora da homenagem à memória daquele ilustre e distinto olhanense que deliberou promover várias diligências no sentido de obter auxílios para o cumprimento do fim que tem em vista.

## Cartaz da Semana

### Cine-Teatro Louletano

Filmes a exhibir durante esta semana:

- Dia 17—Agarra esse homem.
- Dia 18—Vida ou Morte.
- Dia 21—Máscara Vermelha.
- Dia 24—Maria Antonieta.
- Dia 25—Revolto de Benguela.
- Dia 28—Piquenique.

## Secção Pecuária

### «A Língua azul»

Pelo Dr. Aires Lemos Tavares

CERTAMENTE ainda está na memória de todos a grande hecatombe que no último verão vitimou avultados efectivos do nosso armento ovino.

A «Língua Azul» ou «Febre catarral dos ovinos», que apareceu pela primeira vez em Portugal, em 1956, matou, em números redondos, quarenta e cinco mil carneiros e ovelhas, só na zona ao sul do Tejo!

Esta doença, conhecida há muitos anos na África do Sul, onde grassa enzooticamente, só muito mais tarde apareceu na Ilha do Chipre, Palestina, Turquia e Estados Unidos.

A Europa ainda não lhe pagara tributo e as duas primeiras vítimas deste Continente — Portugal e Espanha —, que no ano findo lhe sofreram as nefastas consequências, foram, sem sombra de dúvida, severamente punidas.

O agente causal da doença é um vírus filtrável, que se propaga pela picadura de insectos hematófagos, entre os quais estão perfeitamente identificados os mosquitos do género «Culicoides».

Trata-se, portanto, de uma doença infecciosa mas não contagiosa, visto tornar-se necessário a intervenção de um agente vector para a doença se propagar.

Quer isto dizer que a «Língua Azul» não se transmite directamente, do animal doente ao sã, facto este que tem marcada importância para a profilaxia da doença.

Como os mosquitos têm acentuada predilecção pelos terrenos baixos e pantanosos devemos afastar os gados daqueles locais, levando-os a apascentar e a pernoitar nos lugares mais elevados da região onde vivem.

Por outro lado impõe-se afugentar os insectos transmissores da doença, o que em parte se consegue banhando ou regando o corpo dos animais com soluções contendo substâncias «repelentes», tais como os derivados do alcatrão.

Os sintomas mais evidentes desta doença, como sejam a inflamação da mucosa bucal (estomatite) e a da lin-

(Continuação na 3.ª página)

## O Comboio do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

que o «Diário Ilustrado» leva a chegar a Faro!

Além desse, temos o correio que leva o dobro daquele tempo, mas cujas carruagens são um mimo de conforto, comodidade e aquecimento...

Têm-nos prometido umas automotoras que sairiam diariamente de Faro e de Lisboa, mas... nós somos do Algarve e, como tal, os melhoramentos são-nos dados em hipóteses.

O comboio do Algarve tem nome na história e cheira já a coisa tradicional, a velharia digna de museu, mas é capaz de aguentar ainda até ao próximo Centenário.

E ainda o «Diário Ilustrado» diz que pode ser que seja falta de agitar problemas...

Agitados estão eles. E, agitados até mais não, ficamos nós quando temos de fazer uma viagem no «Comboio do Algarve»!

R. P.

## Bailes Carnavalescos

DOMINGO, dia 17, realizam-se bailes em todas as Sociedades da nossa vila, para início da época de Carnaval.

O Carnaval de Loulé é uma gargalhada sã, vibrante, sonora, moça

Uma brincadeira de muitos em benefício de alguns

«51 anos de tradição ao serviço do Bem!»



## Subscrição para o Carnaval de Loulé

Transporte	825\$00
quim Hipólito Pinto Lopes — Lisboa	50\$00
—ente-Coronel Armando Oliveira Pinto — Lisboa	50\$00
Daniel de Sousa Raminhos — Setúbal	25\$00
Francisco Paulino Guerreiro — Setúbal	25\$00
Augusto Amorim — Lisboa	100\$00
António de Barros — Lisboa	50\$00
Dr. Leão Ramos Ascensão — Lisboa	50\$00
Dr. Raimundo Ascensão — Loulé	100\$00
Anónimo — Portimão	200\$00
Manuel Guerreiro Viegas — Montijo	20\$00
Maria das Mercês Cabeçadas Guerreiro — Albuf.	50\$00
Sano-Técnica, Lda — Lisboa	200\$00
Manuel Alves Frazão — Lisboa	500\$00
Dr. Nuno Simões — Lisboa	200\$00
Abott Laboratórios, Lda — Lisboa	500\$00
Comp. Port. Petroleos B. P. — Lisboa	200\$00
Piedade Quirino Alves — Messines	50\$00
Dr. A. Ferreira de Almeida	50\$00
Dr. Joaquim Rodrigues Varela — Moncarapacho	50\$00
D. Raquel de Castro Seita — Lisboa	100\$00
Romualdo Cesário Seita — Lisboa	100\$00
A Mundial Lisboa	100\$00
José Lopes E-teves — Viseu	500\$00
José Alexandre da Fonseca — Faro	300\$00
Farmo-Técnica — Coimbra	100\$00
Kodak, L.d.ª — Lisboa	100\$00
M. de Almeida	100\$00
Anónimo	1.000\$00
Transportar	5.695\$00

## Portimão em festa

(Continuação da 1.ª página)

cima de 7.000 volumes e, como número seguinte mais saliente do programa, havia a inauguração da Cantina Escolar, construída pelo Estado, e a que seguidamente os membros do Governo procederam. Há que salientar agora a jornada de verdadeira apoteose feita pelos Senhores Ministros através das ruas da cidade, atapetadas de verdura, engalanadas com mastros e festões, as janelas engalanadas e povo, muito povo, multidão anónima, entusiástica e vibrante, peijando todos os passeios, numa manifestação de aplauso e de gratidão verdadeiramente singulares.

Seguidamente, foi inaugurada a Cantina Escolar em que falou a Sr.ª Professora D. Maria dos Anjos Barreto Alves e a propósito do que o Sr. Ministro da Educação Nacional proferiu a magnífica lição que os jornais diários reproduziram.

Nova visita detalhada à Câmara e outra à Casa dos Pescadores, a convite do Sr. Comandante Henrique Tenreiro, que também estava presente, preencheram alguns minutos de descanso, logo cortado pela cerimónia da inauguração da nova Central Eléctrica que a Câmara fez construir e cujos maquinismos Sua

Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Fr. Francisco Rendeiro abençoou. Durante a recepção a Sr.ª D. Bernardina Cruz exprimiu, ao Sr. Eng.º Leite Pinto a gratidão dos pais e dos encarregados de educação pelo facto de ter elevado o liceu da cidade à categoria de Nacional.

A noite, no Hotel Bela Vista, da Praia da Rocha, um bem servido banquete de algumas dezenas de talheres e brindes entusiásticos dos Srs. Salvador Vilarinho, Dr. José de Sousa e Costa, na sua qualidade de Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, e Dr. José Ascenso, como Governador Civil substituto, em exercício. A todos o Sr. Ministro do Interior respondeu com um brilhante improviso a propósito da jornada que terminava e apelando para a unidade dos portugueses perante os problemas nacionais e internacionais dos dias que se aproximam.

A saída, os Srs. Ministros receberam cumprimentos de despedida de todos os presentes.

## O nosso Carnaval

A fim de possibilitar a permanência em Loulé do maior número possível de forasteiros, a Comissão das Festas do Carnaval agradece a todas as pessoas que possam dispor de quartos para alugar, o favor de se inscreverem na sede da Comissão ou telefonar para o 265.